

# O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 35540 réis — Semestre, 18770 réis — Trimestre, 9385 réis.

Subscribe-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anuncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 35000 réis — Semestre, 18500 réis — Trimestre, 9000 réis.

NUMERO 65

TERÇA-FEIRA 11 DE FEVEREIRO DE 1862

SEGUNDO ANNO

## AVEIRO

Temos tratado a questão dos arrozacs em referencia á salubridade e á hygiene publica com a consciencia e moderação de que somos capazes. Temos pedido a continuação dos arrozacs nos terrenos proprios para ella e sujeitos a um regulamento, que ponha termo aos abusos que por ali se veem. E nestas condições temos sustentado que os arrozacs são favoraveis á salubridade, quando as sementeiras tem lugar em terrenos naturalmente pantanosos, e inoffensivos, quando esta circumstancia se não dá.

Debalde temos chamado os nossos adversarios a esta discussão; elles, contentando-se em adduzir algumas razões, que só tem verdadeira applicação aos pantanos naturaes, mostram que nem sabem o que se passa nos arrozacs nem nunca os viram, e abandonam o campo sem nos fazer perder uma só polegada de terreno.

Temos chamado a attenção publica para a experiencia destes trez ultimos annos, e igualmente para o que se tem visto nas localidades onde se suspendeu a cultura do arroz.

Depois de tudo isto resta-nos mostrar como a opinião publica se manifestou favoravel aos arrozacs na occasião da sua maior crise.

Desde que appareceu o projecto de lei, que propõe a prohibição dos arrozacs, esta questão vital para o districto d'Aveiro tornou-se a questão do dia e de todos. Os adversarios emudeceram, confessando d'este modo o seu arrependimento, e a pouca consciencia das doutrinas que outr'ora sustentaram.

Desde logo um pensamento commum se apoderou de todos — todos queriam appellar para os seus representantes na camara dos deputados por meio de petições.

Fizeram-se estas, e tem por tal modo sido recebidas, que nem um só individuo se negou a adherir; e alguns adversarios mesmo o tem feito como querendo por esta fórma expiar as suas culpas.

Esta verdade, que os senhores deputados verão confirmada dentro em pouco, constitue uma nova causa de respeito e consideração para os arrozacs. Quando muitas mil pessoas dizem que a cultura dos arrozacs não é prejudicial, e a maior parte d'estas supplicam a sua continuação; e quando estas supplicas são unanimemente feitas pelos visinhos dos arrozacs, quem ousará oppôr-se a esta formal manifestação da opinião publica, e continuar a julgar os arrozacs causa de grandes males? Quem ousará approvar um projecto, que alem de disparatado, é regeitado pelos mesmos que se julgam offendidos?

Ninguém se atrevera a supplicar a continuação da cultura do arroz, se a não julgasse inoffensiva com uma crensa inabalavel; ninguém quereria trocar um pouco de dinheiro pela saúde, a maior de todas as felicidades.

A prova do que dizemos está no que se passou quando falsas crensas indicavam os arrozacs

como a causa das intermittentes; então algumas manifestações populares tiveram lugar, chegando a atacar a propriedade; e hoje, que a occasião lhe é favoravel, em troco destas manifestações hostis, vemos supplicas espontaneas; conversões estas que a practica produziu.

Senhores deputados da nação portugueza, os cidadãos do concelho d'Aveiro vão dirigir-vos a petição que em seguida publicamos; elles pedem-vos com justiça e direito a reprovação do projecto do governo.

Os habitantes d'estes terrenos, a que o governo chama pantanos, não lhe mandam para lá os miasmas — mandam-lhe sim o producto de seu trabalho, que lhes custa muito suor, e não poucas privações; em troco não lhes pedem as commodidades da capital para as quaes concorrem — pedem-lhe que os deixem usar do direito de propriedade como as leis lhe garantem.

O projecto reduz a miséria numerosas familias — aquelles dos srs. deputados que o approvar rem concorram para este mal, e hão de expiar-o com uma regeição formal d'aquelles que os elegeram.

Senhores deputados da nação portugueza.

Os abaixo assignados cidadãos do concelho d'Aveiro, lendo o projecto de lei, que prohibe a cultura do arroz, como meio de salubrisação, conheceram, que elle era contraproducente, precipitado e attentatorio contra o direito de propriedade, e, anteendo na adopção d'elle uma grande calamidade vão, mui respeitosa e deffensores do povo, a fim de que a desvieis.

Algumas reflexões vão os abaixo assignados offerecer a vossa consideração em que provam a verdade do que deixam dito.

Com o incremento da cultura do arroz coincidiu o das febres paludosas, e não só em extensão mas até em intensidade; e notou-se tambem que isto era mais frequente nas povoações, junto ás quaes existiam arrozacs. Estes dois factos indispozaram os arrozacs na opinião publica; todavia travaram-se logo discussões entre homens competentes, e oppondo-se argumento a argumento conseguiu-se, não resolver a questão, que ficou duvidosa, mas sim apaziguar os animos.

Notou-se então, que nas localidades, onde se suspenderam as sementeiras do arroz, a salubridade não melhorou — os arrozacs abandonados tornaram-se focos d'infeccção consideravelmente mais prejudiciaes.

Continuou a cultura do arroz na mesma escala, e em peores condições, devidas á incerteza em que estavam os cultivadores; e não obstante isto em 1858 — 59 — 60 — 61 as febres diminuíram até o que eram antes desta cultura.

Estes factos, a quem ninguém ousará oppôr contestação, constituem, senhores deputados, uma defeza incontestavel para os arrozacs, e vós, melhor do que os abaixo assignados, haveis de comprehendela.

O projecto apresentado pelo governo, é contraproducente, porque os terrenos dos arrozacs,

Que entre folhas abriga a doçura,  
— Tal eu sou para ti, meu amor.

Ella—O que a riba que fresca viceja  
E' p'r'a onda passando-lhe alli,  
Que em secretos murmurios a beija,  
— Tal eu sou, meu amor, para ti.

Ambos — Como a riba que fresca viceja  
E' p'r'a onda passando-lhe alli,  
Que em secretos murmurios a beija,  
— Tal eu sou, meu amor, para ti.

Ella—Porem dizem que a abelha se aparta,  
Que se vai quando a flor não tem mel;  
E que a ondã de beijos se farta,  
Foge á riba depois a cruel.

Elle—Mas se o brilho das flores se apaga,  
E ha-de a miargem virente secar,  
Aproveite o insecto e a vaga  
O seu tempo a sorver e beijar.

### O TEU PRANTO

Quando na turba risonha  
Teu sorriso descortino,  
— Sorriso doce, e divino,  
Mal posso chamar-lhe meu;  
Porem quando á furtadela  
Sinto correr o teu pranto,  
Involvidos, doce encanto,  
Da noite no denso véu,

depois de abandonados, ficam em muito peores circumstancias sem a agua, que para a cultura procuram os agricultores; — sem as cavas, que lhes matam os vegetaes, que nascem espontaneamente, e depois se decompõem, — sem as mondas em que se destroem os que resistem á cava, — e finalmente sem o arroz que cobre a agua com uma superficie verde.

Os adiantamentos propostos pelo governo aos lavradores para esgotarem os terrenos do arroz são uma fantasmagoria e nada mais. O esgotamento dos pantanos não é obra tão facil; o que se pode conhecer consultando o que se tem passado nas outras nações.

Senhores deputados. Ainda que os arrozacs fossem pantanos, não eram os unicos nem os peores; ha de envolta com elles muitos e verdadeiros pantanos, que por serem improductivos, tem continuado a não soffrer melhora alguma, e esses sem os beneficios da cultura do arroz, que já mencionamos, são focos miasmaticos, muito mais offensivos. Apesar disto o governo propõe a extincção de pantanos duvidosos menos prejudiciaes, e ao mesmo tempo fonte de grande riqueza publica, deixando continuar os outros indubitavelmente mais nocivos e inuteis!!

A cultura do arroz merece um exame escripto, porque constitue uma fonte de riqueza, que veio acudir á classe agricola, quando luctava com prejuizos incalculaveis nas outras culturas, e com o augmento de impostos — seccar-lh'a é reduzir a circumstancias deploraveis para as quaes não vemos lenitivo. Parece por tanto aos abaixo assignados, que o governo antes de se precipitar em projectar a prohibição do arroz, deve propor um bom regulamento, que corte radicalmente os abusos para ver se assim combina os interesses da salubridade publica, com os dos agricultores, que tanta protecção precisam e merecem.

Se o governo quer a todo o custo sacrificar a cultura do arroz, julgando favorecer com isso o publico, é rasoavel e preciso, que o faça expropriando então os terrenos, avaliando-os em relação ao rendimento do arroz.

E' isto uma compensação justa, e uma consequencia legitima, que dimana do direito de propriedade garantido pela constituição do estado.

Os abaixo assignados pois, vão submeter estas reflexões aos seus protectores na camara, certos de que elles, pela sua illustração e bons desejos, as hão de attender, rejeitando o projecto da prohibição do arroz substituindo-o por um bom regulamento desta cultura.

O sr. abbade de Pedorido escreveu ha tempos uma correspondencia para este jornal, accusando o actual administrador do concelho de Paiva de ter recebido quatro libras para dar escapula a um recruta. Hoje, o mesmo sr. abbade nos escreve outra correspondencia para retratar o que disse, e illibar a reputação do funcionario aggravado.

Bêbo sófrego essas lagrimas,  
Que alimentam minha vida;  
Por isso guarda, oh! querida,  
Para mim teu pranto só.  
Aos homens contentes, frivolos,  
Dá teus sorrisos embora,  
Porem compassiva chora  
Teu pranto para mim só.

Do sol aos raios beneficos  
Sorri a neve do Jura,  
Mas sob a camada dura,  
Que reflecte esse brilhar,  
Em frias algemas presa  
Dorme um somno socegado,  
Até que o astro inflamado  
Mais de perto a vem beijar;

Derrete-se então em lagrimas  
O riso falso e mentido;  
— Guarda pois, anjo querido,  
Para mim teu pranto só;  
Aos homens contentes, frivolos  
Dá teus sorrisos embora,  
Porém compassiva chora  
Para mim teu pranto só.

### SÓ UMA!

Era noite; — eu contemplava  
Da lua o meigo brilhar,  
Quando a minha vista errante  
Curiosa foi poisar  
Nos orbes, que ao longo ardiam  
No seu ermo scintillar.

Não nos surprehe que este ultimo facto tivesse lugar, porque já nos haviam informado dos esforços que se empregavam para o conseguir. Esperavamos a retractação, e sabiamos que ella havia de vir. Tinham-nos já prevenido que a necessidade d'uns attestados que o sr. abbade precisa para ir a certo concurso, seria o meio proprio de chegar ao fim ambicionado. Effectivamente assim succedeu. Era de esperar.

Nós entregamos ao publico a carta do sr. abbade, dispensando-lhe os commentarios. Nem ella os precisa. O publico de certo a aceita como documento igualmente desfavoravel á moralidade d'ambos — do accusado e do accusador... em debandada. Ahi figuram os dous na mesma plana, irmanados pela communitade de instinctos e de sentimentos.

Não se queixe o sr. abbade da nossa apreciação. Em casos destes é-se mais acautellado ou mais cavalheiro. Não se accusa o proximo d'un crime tão grave, sem ter provas irrecusaveis na mão, e sem a consciencia do que se afirma. Isto não era cousa em que podesse andar-se por simples informações. Mas o sr. abbade dizia que tinha essas provas, e que possuia a convicção d'aquillo de que accusava. Neste caso para que se retratou? Quando mentiu, então ou agora? Quando esqueceu o seu caracter sacerdotal? Hade perdoar, mas ou é infame ou lórpa.

O digno sacerdote quer escapar-se pela segunda. Confessa que foi enganado. Deploramos a sua nimia credulidade. Foi tão simples que acreditou ligeiramente o que lhe disseram, e veio logo bisbolhetal-o para a imprensa. Agora tem de confessar a sua leviandade, o que sempre é desairoso, principalmente para um pastor d'almas. E' bem feito. O peor é que ainda não escarmentado da primeira vez, foi agora novamente enganado com a retractação. E' uma innocente creatura o sr. abbade.

Apesar de tudo fazemos alguma justiça á rigidez de caracter de s. s.ª Em quanto o ameaçaram com os tribunaes, e com correspondencias injuriasas que o administrador de Paiva dizia ter promptas para mandar publicar, s. s.ª resistiu. Houve-se até com certa nobreza de caracter. Confessamolo para honra sua. Porem logo que sobreveio a necessidade dos taes attestados, o digno pastor não teve animo para embargar as suas aspirações, conservando a dignidade da sua posição. Assignou a retractação que não officiosa lhe offereceu e recebeu em troca o precioso attestado.

Muito bem. Não lhe parece, sr. abbade, que junto ao celebre attestado figurariam bem nos autos do seu concurso os dous numeros do nosso jornal em que se acham publicadas a sua accusação, e a sua retractação? Não se assuste, por que por ora não ha de que.

Tambem declaramos ao sr. abbade de Pedorido que nenhuma parte tem na local do nosso numero 57.

A retractação vai no lugar competente.

Mas eram mui longe os raios  
D'essas estrellas;  
Mui longe para aquecer-me,  
Posto que bellas.  
Quanto não és mais querido,  
Casto planeta,  
Que mais perto vens sorrir-te  
Para o poeta!

— Assim, oh! Maria, meus votos recebe,  
E deixa outros olhos soberbos luzir;  
Teus olhos mais doces que o brilho de Phebo  
Serão a fortuna do meu existir.

Era já noite avançada,  
E a lua com o seu fulgor  
Melancholica alumiaava  
Na veiga a pallida flôr.  
Como a esperança alumia  
O que succumbira á dôr.

E em quanto a lua sorria  
Para um regato,  
Que brincava com seus raios,  
E seu retrato,  
Disse eu: em muitos arroios  
Ella fluctua,  
Mas não pode ver o arroio  
Mais que uma lua!

Por isso, oh! minha amada eu penso d'este geito:  
Ha muitos que contemplam teu rosto de carmin,  
Porem tu és só uma; — cá sinto no meu peito —  
Maria sobre a terra... só uma ha para mim.

## FOLHETIM

### As melodias irlandezas de Th. Moore e o sr. B. X. de M.

Paremos instantes a admirar a harmonia destes versos, e a reflectir na coincidência que faz interprete d'un poeta mayiosissimo outro, que não o é menos. Será puro acaso, ou dever-se ha considerar esta versão como um facto indicador de que o poeta, até agora affastado do commercio das musas, v. lta' de novo a cultivar-as, atrahido pelo cantar do bardo irlandez? Quem sabe? Os poetas são como os rouxinoes, que só cantam em noite escura se a voz d'outro passaro lhes vem despertar as suas. Vivem por muito tempo inertes estas almas doudas, e só o brilho d'alguns olhos gentis, ou a actividade d'outras almas suas irmãs, são capazes de lhes dar vida e calor. Mas que nos importa saber quem o despertou da sua longa somnolencia? Elle canta, e ainda que seja pela voz d'outro escutemol-o attentamente na esperança de que mais tarde o havemos de ouvir, a elle mesmo.

Leiam estas poesias, e digam depois se do poeta não deve affirmar-se que conhece bem a sua lingua, e egualmente a ingleza. M. de M.

### MELODIAS IRLANDEZAS DE TH. MOORE UM DUETO

Ella—O que a abelha que favos procura  
E' p'r'a debil e candida flor,

O Collegio de Nossa Senhora da Conceição é um dos mais bem montados da capital. O director delle o sr. Carreira de Mello não se pouno a cuidados nem se esquiva a despezas; o seu desejo é que o seu collegio chegue ao maior grau de perfeição.

Transcrevemos do jornal a — Instrução Publica — um artigo que deixa conhecer os melhoramentos ultimamente introduzidos naquella estabelecimento.

Esperamos que os cuidados do sr. Carreira de Mello sejam devidamente avaliados, e recom-pensados.

#### COLLEGIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

O curso d'instrução á historia natural, creada em 1837 na eschola polytechnica, foi um passo dado no caminho do verdadeiro progresso; mas um tal ensino apenas ficou fazendo parte dos cursos d'aquella eschola até 1853. Nesta epoca foi o curso de I. a H. N., ampliado com as partes elementares de physica e chymica, considerado como obrigativo para entrar na universidade, e nas escolas superiores; harmonisando-se assim os preparativos que desde muito se exigiam em estabelecimentos analogos, nas nações cultas da Europa. Consequentemente decretou-se a criação de cadeiras elementares de sciencias naturaes para todos os lyceus do reino; mas não foi desde logo possível começar o ensino em todos, por faltarem os meios para isso necessarios — professores e apparatus, modelos e productos chymicos.

O ensino decretado, se a memoria nos não falla, começou a ter logar em Lisboa no Instituto Maynense, que possui apparatus modelos; no lyceu de Coimbra, que se utilisava e ainda se utiliza dos apparatus e modelos da universidade; e no Collegio Militar que, com um pequeno auxilio dado pelo ministerio da guerra obtive desde logo alguns apparatus, modelos e productos chymicos, e tem continuado a adquirir outros com suas proprias economias.

Os conhecimentos elementares de sciencias naturaes começaram, como era de justiça, por ser exigidos muito elementarmente nos estabelecimentos de instrução superior; mas estes, não podendo ficar n'um estacionamento condemnavel, tem ido successivamente exigindo maior desenvolvimento de conhecimentos, pois que actualmente se acham providos dos professores competentes muitos dos lyceus publicos. Mas será isto bastante? Não eram necessarios para o ensino, apparatus, modelos, productos chymicos, etc. e não será verdade que os lyceus os não tem, ou que, quando muito, possuem pouco mais de nada? O ensino das sciencias naturaes tira a sua proficuidade da experiencia; sem isto é, e continuará a ser estéril.

Ora, quando os lyceus publicos não tem o indispensavel para o ensino, não é de admirar que os collegios particulares o não tenham tambem.

Assim, o director d'um collegio particular que, possuido da proficuidade do ensino experimental das sciencias naturaes e zeloso da reputação do estabelecimento, que dirige, se propõe marchar na vanguarda, dispendendo quantias avultadas para adquirir os objectos indispensaveis do ensino, torna-se credor de verdadeiros encomios; e cremos que ninguem nos taxará de lisonjeiro para com o sr. Carreira de Mello, director do Collegio de N. S. da Conceição, noticiando ao publico a aquisição de apparatus, de modelos e productos, que S. S. acaba de fazer para o seu collegio, a saber:

Um plano inclinado, para a queda dos corpos, um nonio rectilíneo de madeira, um aparelho das forças centrifugas, em que podem montar-se diferentes pesos, um aparelho de meridianos elasticos, para demonstrar a força centrifuga e provar o achatamento da terra, um plano de marmore e uma esphera para provar a elasticidade e compressibilidade, um aparelho composto de diferentes roldanas e cadernaes, um aparelho d'Haldat, dito de tubos communicantes para o mesmo liquido, dito para liquidos diferentes, areometro de Fahrenheit, dito de Nicholson, ludion de bomba, um grande tubo, para verificar a queda dos corpos no vacuo, martello d'agua, tubo de Mariotte, barometro de Guy-Lussac, pyrometro Wedgood, dois espelhos parabolicos de metal, cubo de folha com as faces pintadas, para as experiencias da irradiação do calor, thermometro de Leslies, fervedouro de Franklin, manometro d'ar comprimido, excitador de calor de vidro, electrometro de folhas d'ouro, electrophoro, pistola de Volta, esphera de Coulomb, um imán com a fórma de ferradura, duas barras magnetisadas, uma agulha magnetica, uma bateria de 10 elementos de Bunzen, um areometro de Beaumé, um thermometro para examinar as temperaturas desenvolvidas nas experiencias chymicas, um grande espelho plano, um dito concavo, um dito convexo, seis tubos barometricos de siphão, aparelho de Lerebours para demonstrar a reflexão e refração da luz, tamborete isolador, fonte de Herão, diferentes retortas de vidro e de gres, em fim as materias precisas para o ensino de chymica; bem como campanulas, frascos e tubos para armar diferentes apparatus. Uma collecção de 26 faces crystallinas.

Temos ainda a acrescentar que o collegio já possuía uma excellente machina electrica, uma garrafa de Leyde, uma machina pneumática muída dos competentes pertences para praticar diversas experiencias, uma camara escura, um microscopio composto, e diferentes retortas e tubos para armar apparatus de chymica. Enfin, para o ensino dos elementos de sciencias naturaes

e arrumação conveniente dos apparatus, está-se arranjando uma casa apropriada, e acha-se já prompta uma casa para laboratorio de chymica.

J. R. Guedes.

Transcrevemos um documento importante para a historia da molestia e morte de S. M. o sr. D. Pedro V.

E' o relatório que o sr. dr. Simas enviou á commissão de inquerito que o tinha convidado a fazel-o e que o fez com toda a clareza e ingenuidade destruindo todas as suspeiças que por ventura podessem ainda haver sobre as causas da morte daquelle nunca assaz chorado rei.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> sr.

Em resposta ao officio que v. ex.<sup>a</sup> me dirigiu por parte da commissão nomeada, pela portaria de 24 de dezembro ultimo, para investigar as causas que produziram as graves doencas, de que foram accommettidos alguns membros da familia real, cumpre-me informar a v. ex.<sup>a</sup> que eu unicamente fui chamado em consulta para Sua Magestade El-Rei, o senhor D. Pedro V, de saudosa memoria, nos dias 10 e 11 de novembro, tendo-o aliás já visto, como simples particular, no dia 30 de outubro.

Direi sem embargo a v. ex.<sup>a</sup> o que sei, e o que vi; ainda que a historia da doença do mesmo augusto senhor — historia completa e a todos os respeito digna de credito — deve achar-se a esta hora em poder da commissão.

Se a memoria me não falla, parece que El-Rei começára a sentir-se doente no dia 20 ou 21 de outubro, pouco tempo depois da sua viagem ao Alemtejo, onde, é fóra de toda a duvida, se expuzera sem resguardo, e como que zombando, ás vicissitudes atmosphericas de toda a especie, e na estação do anno em que o solo sesonatico costuma manifestar os seus mais perniciosos effeitos.

E que os symptomas da doença consistiram em accessos febris precedidos de frios, e terminando por suor, a que se seguia uma apyrexia mais ou menos completa.

O quinnino, legitimamente indicado por symptomas d'esta ordem, fora-lhe então administrado com inequívocas vantagens.

Tanto que indo eu ao paço no dia 30 de outubro, Sua Magestade que o soube, mandou-me chamar, e commigo conversou por espaço de duas grandes horas.

A conversação versou sobre assumptos de toda a especie, tomando El-Rei uma boa parte n'ella, sempre de bom humor e com certa animação.

E para em tudo ser franco, devo dizer que nunca o aspecto de Sua Magestade me pareceu tão lisonjeiro.

Pensava que o encontraria pallido e triste mas achei-o corado e alegre.

Nem olheiras tinha.

Eram aquelles o seu modo de olhar, e a expressão bondosa da sua phisionomia de sempre.

Sua Magestade occupava um quarto vasto, bem esclarecido e ventilado, com exposição sul para onde abria duas janellas.

Recebeu-me deitado sobre uma otomana, que me pareceu commoda.

Estava de chambre de cazimira, confortavelmente agasalhado e calçava botas, o que me revelou um certo cuidado no toilette.

Bem entendido que se fallou de tudo, mas nem uma palavra do seu padecimento.

Simplemente, e quando me despedia, mais como remate de conversa, do que como conselho, lembrei — rindo — a Sua Magestade que as sessões deviam ser combatidas cavalheiramente, e principalmente com bom vinho de Bordéas, comida de substancia, exercicios e distrações.

Foi então que o ex.<sup>mo</sup> marquez de Ficalho, impellido por um sentimento de paternal sollicitude, e por um presentimento de que sem duvida não teve consciencia, me disse: — não se vá embora sem tomar o pulso a El-Rei.

Assim o fiz.

O pulso de Sua Magestade oscillava entre setenta e oitenta pulsações, quando muito; mas batia regular e branda, ainda que um pouco saududo; não dando eu comtudo a esta particularidade então importancia alguma.

El-Rei tinha a pelle fresca, a lingua limpa e humida.

Sahi, pois, do paço partilhando do contentamento geral, que se via em todos o semblantes.

Dizia-se que Sua Alteza o senhor Infante D. Fernando se achava livre de perigo, e que S. Magestade convalescia das sessões.

Era tambem esta a voz publica, a que me associei de todo o coração.

Nem outra coisa podia ser, havendo eu deixado Sua Magestade em um estado que a todos os respeito me pareceu satisfactorio.

Creio mesmo que semelhante estado não soffreu alteração sensivel até ao dia em que falleceu Sua Alteza o senhor Infante D. Fernando.

Mas a partir de então, Sua Magestade como que recae, e renovam-se-lhe os accessos sempre precedidos de frio, e terminados por suor; com a circumstancia, porém, de um d'elles, o immediato ao dia da morte de Sua Alteza Serenissima, ser acompanhado de abundante diarrhea que o fizera ter doze evacuações em uma noite!

Desde este momento, nunca Sua Magestade pôde dormir, embora a diarrhea cedesse facilmente a um tratamento simples e appropriado.

Porém os accessos que por causa da diarrhea não poderam ser combatidos, foram-n'o mais tarde, ainda que inutilmente.

O quinnino ficou sem effeito.

Ainda no dia nove de novembro Sua Ma-

gestade tivera o ultimo que, principiando por um frio de bater o queixo ás 7 horas da manhã, só acabou ás 3 da tarde, e com suor!

Sem embargo o quinnino tinha sido administrado em dose sufficiente na vespera e antevespera!!

E' nesse dia tambem que ás 8 da tarde Sua Magestade cahe em um deliquio, que lhe dura por espaço de duas horas, e do qual desperta com uma violenta e átroz dor de cabeça, que a pouco e pouco se vai dissipando.

Sua Magestade passou a noite agitado, e nem um só momento pôde conciliar o somno.

A febre adquiriu proporções desconhecidas.

No dia immediato (começa a minha observação directa), cheguei a palacio, eram, pouco mais ou menos, 8 horas da manhã.

Momentos antes, quando Sua Magestade parecia um pouco mais tranquillo, quando menos se esperava, a molestia, que desde o dia anterior dava serios cuidados aos assistentes de El-Rei, mostrava-se ainda mais assustadora e medonha.

Sua Magestade occupava tambem um quarto bastante vasto, contiguo áquelle a que já me referi, e com exposição sul.

Estava na cama encostado a almofadas que lhe levantavam o corpo, sustentando-o em posição inclinada.

Quando eu entrei, corriam lagrimas de todos os olhos, em quanto os doutores Barral, Bernardino e Kessler, na dupla qualidade de homens de sciencia e de consciencia, cumpriam com o seu penoso dever fazendo callar a sua dor, que grande era, porque Sua Magestade honrava-os com a sua particular estima!

Ao passo que um continha os movimentos desordenados e perigosos, outro deitava-lhe sobre o peito ventozas seccas: este dava-lhe a respirar espiritos anti-pasmódicos, emquanto que aquelle lhe friccionava o corpo, punha e tirava synapismos, e lhe vedava o sangue das bichas.

Ninguem deixava de prestar um serviço, mas, se corriam lagrimas, tambem havia ordem e sangue frio.

A impressão que El-Rei me causou, foi, a principio, a de uma luta com uma anxiedade precordial; mas não tardei a convencer-me de que era uma convulsão epileptiforme que pouco a pouco se ia generalizando, e de facto se generalizou de maneira a abranger quasi todos os musculos da vida de relação.

E digo epileptiforme, porque era a contracção rápida e curta da epilepsia, o tremor característico desta hedionda molestia, que de parcial, de que resultava anxiedade, ou limitada aos musculos do thorax, de que se seguiu como consequencia a injeção da face e a turgescencia das jugulares, se generalisou, fazendo tremer Sua Magestade como se fóra composto de uma pça elastica unica.

Mas El-Rei conservou-se sempre de olhos abertos, como espantado, parecendo nem ter consciencia do que lhe succedia, nem do que se lhe fazia.

A convulsão, que durou por espaço de hora e meia, sem intermittença mas com alternativas, de mais e menos, era d'igual força em todos os musculos, guardando sempre Sua Magestade a mesma posição em que o surprehendêra tão horrivel symptoma; e, como succede na eclampsia puerperal, sem tendencia nenhuma para mudar della.

As mãos e os braços estiveram constantemente em meia flexão; mas as pernas estendidas.

Logo que lhe abandonavam as mãos, Sua Magestade levava-as, ainda que lenta e convulsivamente, ao pescoço, como que parecendo ter o proposito firme de se afogar, sendo mesmo mais d'uma vez necessario empregar uma certa força para lh'as arrancar d'aquella região; mas evidentemente nada tinha aquelle movimento de intencional, por que era simplesmente automatico.

De quando em quando, a injeção da face, que sempre foi mais ou menos intensa, augmentava espantozamente, arroxando então Sua Magestade; mas este phenomeno era devido ao contacto da espuma, que se accumulava na boeca, como á entrada da larynge.

O pulso conservou-se sempre entre cento e trinta e cento e quarenta pulsações, senão mais; porém a arteria cedia sem resistência, achatando-se á mais leve pressão do dedo.

Um suor abundante e quente inundava-lhe todo o corpo, e teve logar uma dejeção alvina, involuntaria.

Eram nove e meia horas, quando a convulsão teve fim.

Ás 10 Sua Magestade mudou de roupa de corpo e de cama.

Fecharam-se as portas e as janellas, e a todos se recomendou o maior silencio.

Pareceu que El-Rei dormira alguma cousa depois do meio dia; accordara conhecendo todos e chamando cada um pelo seu nome; mas quasi todas as suas ideias se concentravam naquelles que tinham perdido, e em vida haviam sido objecto do seu amor e idolatria.

Ás 8 da noite já não havia nem vestigios de convulsão, parecendo intactas as facultades intellectuaes de Sua Magestade; porém o pulso continuava com a mesma frequencia e molleza, e as pulsações como que se seguiam sem se despegarem.

A lingua, que pela manhã ainda estava limpa e humida, principiara a seccar-se, bem como as gengivas.

Ainda não havia fuligens; mas sobre o labio inferior notava-se algum sangue coalhado.

A palavra estava trémula, porque trémulos tambem eram já os movimentos dos labios e da lingua.

Este ultimo orgão sobretudo não sabia da boeca com facilidade.

Continuava o suor da manhã, ainda que não tão quente; mas eram frequentes os sobresaltos dos tendões.

El-Rei conservava o decubito dorsal, sem do modo algum procurar mudar de posição.

Engulia e respirava bem, e com indifferença tomava tudo quanto se lhe dava.

Não havia meterismo, nem gorgolejo na região ileocecal.

Tampouco dei noticias de nodos na pelle.

De nada então se queixava e a todos respondia que estava bom.

As urinas continham grande quantidade de sangue.

No dia 11, ás 8 horas da manhã, em que eu vi El-Rei pela derradeira vez, todos os symptomas, tendo-se exaggerado, haviam tomado grande incremento.

A intelligencia estava evidentemente embotada, os sentidos mais ou menos obtusos, e denotando palavras soltas e sem nexo um brando delirio.

Finalmente, aos symptomas ataxicos da vespera, succederam-se symptomas de uma adynamia que com incrível celeridade foi augmentando até que Sua Magestade expirou.

Eram 7 horas da noite.

#### Autopsia

No dia 13, ás 8 horas da manhã, 37 horas postmortem, procedeu-se á abertura do cadaver; e commquanto os resultados sejam do dominio publico, julgo todavia conveniente reproduzi-los aqui.

A parte superior do cadaver achava-se em plena putrefacção, e deitava um cheiro insupportavel.

A cara principalmente estava desfigurada. Os pulmões congestionados hypostaticamente, e o coração um pouco flaccido e descorado.

O peritoneo, estomago, nada tinham que de-va mencionar-se.

Porém na segunda porção deste ultimo orgão, e como que precisando uma divisão arbitrária, apparece logo uma glandula de Peyer, injectada, dura, elevada, elliptica, bastante espessa e situada no lado opposto ao mesenterio.

Mais longe outra, depois outra e outra (não me lembra o numero) até chegar ao intestino cego, onde então se encontraram duas grandes placas de muitos centímetros de diametro com os caracteres já descriptos, achando-se uma d'ellas ulcerada, e invadindo a outra a valvula ileocecal.

O intestino cego estava semeado, bem como o colon ascendente de pequenos botões duros e conicos, que eram as glandulas de Brunner, as quaes augmentavam de confluencia no colon transversal d'uma maneira tal que a ponta do bisturi quazi que não cabia entre ellas, achando-se um grande numero superficialmente ulceradas.

Estas glandulas diminuiam de confluencia insensivelmente no colon descendente para rarear no — S — iliaco, encontrando-se ainda algumas no intestino recto.

O estado do figado não tinha significação; mas o baço, d'uma cor azul-anegrada, estava tão difflente que se desfez como lama entre os dedos.

O mais que se encontrou deve ser considerado simplesmente cadaverico.

#### Diagnostico

Da confrontação das lesões anatomo-pathologicas com os symptomas e a marcha da doença resulta, para mim da maneira a mais evidente e clara, que Sua Magestade succumbiu a uma febre, em que a par d'uma leção profunda do systema nervoso, havia grave alteração de sangue.

Foi uma febre typhoide, «donthenterica», ou «euterio-mesenterica», benigna e latente por espaço de 17 a 18 dias, mas que só revelou a sua malignidade, sempre inherente á sua natureza, no vigesimo, pela explosão de phenomenos formidaveis, tanto mais insolitos e assustadores quanto menos esperados eram.

Na minha pratica, já de 20 annos, é a primeira vez que me é dado observar um facto tão singular.

Pôde comtudo haver duvida durante a vida, sobre o padecimento que affligia Sua Magestade, duvida pela auzença total dos symptomas proprios em uma certa época da doença, e por uma phaze traiçoeira e insidiosa, simulando em tudo e por tudo as sessões, principalmente sabendo-se que El-Rei expozera a encarára mesmo com certo desprezo á influencia de sitios affumados pela sua perniciosidade pantanoza, como a Cardiga, por exemplo; mas diante do cadaver, toda a duvida desapareceu.

O que não deve admirar, porque a autopsia levou á evidencia um similhante capitulo, e por forma tal que se torna desnecessario insistir mais nelle.

A sciencia neste caso falla alto, porque é positiva, e afirma que as lesões encontradas são exclusivamente pathogomicas das febres que na actualidade se fundem e resumem na febre typhoide.

E' todavia para mim de fé, que a doença talvez tivêra proseguido branda e sem «malígnar», a não ser a impressão que a sua magestade causára a morte de sua alteza o senhor infante D. Fernando.

E' a esta cauza que attribuo os symptomas graves que sobrevieram logo depois de tão lamentavel acontecimento, como tambem á insomnia rebelde se devem attribuir a congestão cerebral, e os phenomenos convulsivos.

#### Etiologia

As causas da febre typhoide foram, são o

serão ainda por muito tempo, não só duvidosas e obscuras, mas desconhecidas.

Parece contudo que alguns investigadores modernos se ufanam de haver levantado uma ponta do véo que se encobre; porém não é difficil demonstrar que por em quanto semelhantes pretensões, carecendo da sanção do tempo, são apenas simples hypothèses, puras vistas de espirito, que os factos todos os dias, e a cada momento desmentem da maneira a mais formal.

E se fôr mister comprovar a verdade destas minhas asserções com exemplos, lembrarei que o paço dos nossos reis, sempre considerado habitação salubre, e em condições de hygiene as mais favoráveis, não encerra nenhum foco d'infectão miasmatica de qualquer natureza que seja, e a que se deva attribuir a molestia de sua magestade e de seus augustos irmãos.

Sabe-se porém que a febre typhoide se manifesta espontaneamente no meio das circumstancias as mais oppostas, no campo e na cidade, nas villas e nas aldeias, e na casa dos grandes como na infima morada dos pequenos;

Que não ha por conseguinte nenhuma distincção de classe para tão cruel doença, porque todos lhe pagam igual tributo, quaesquer que sejam as condições de salubridade em que vivem;

Que só accommette uma vez na vida o individuo, para não voltar mais;

Que nenhuma causa exterior pareça produzir o seu apparecimento, sendo-lhe indifferentes os temperamentos;

Que tem decidida preferencia pela flor da idade, a idade de quinze a quarenta annos, a quem e além da qual é já mui raro encontrar-a;

Que, grave nos individuos saudáveis, é quasi fatal quando ataca gente fortemente sanguinea, cujas carnes são molles e abundam em succos;

Que pelo contrario é quasi sempre benigna nos individuos que nunca tiveram mais do que *meia saude*, ou outros que um tratamento evacuante ou dietetico, longo e diurno, ou evacuações naturaes fizeram emmagrecer mais ou menos sensivelmente;parecendo por estas e outras particularidades, que tanto convidam á meditação, plauzível a ideia de que se dá nella uma especie de renovação mollecular *totius substantie*, e principalmente porque os individuos que lhe escapam e d'ordinario convalescem, embora devagar, ficam, depois de a terem tido, muito mais fortes e robustos do que nunca foram;

Que os recémchegados a qualquer parte,são os mais expostos a contrahil-a, e semelhante facto que, de notoriedade publica se observa diariamente em Pariz, com quanto não seja tão frequente, contudo não é raro em Lisboa.

Finalmente a febre typhoide reina endemica na Europa desde tempos immemoriaes, sendo o outono a estação do anno que mais favorece a sua manifestação.

Mas não vae longe a sciencia, que ainda se acha hoje como no tempo do grande Sydenhem que definia a febre typhoide, *uma necessidade do organismo para mudar de diathese*.

Sem abundar nesta ideia, creio todavia que nos factos apontados ha alguns documentos de uma theoria da grande epidemia europeia, que não ouzo abordar por me não sentir com animo, nem com forças para empreza de tamanha magnitude.

Mas tenho que a febre typhoide, molestia com effeito *totius substantia*, não pode deixar de ser, como a febre amarella, uma febre climaterica.

Não quero terminar sem lembrar, ainda que de passagem, que a febre typhoide tem sido considerada contagiosa, explicando-se por esta circumstancia factos tão singulares e identicos áquelle que infelizmente se deu na familia real portugueza; mas, alem de que factos desta ordem podem ter outra interpretação, menos facil sem duvida, porem mais phylosophica, inclino-me a pensar que não é deste modo que se pode e deve explicar a quasi simultaneidade dos tiros que feriram, a distancia immensa, os diversos membros d'uma tão illustre quanto infeliz familia.

Aqui tem v. ex. o resultado da observação propria e alheia, ou do que se me contou e do que observei, sentindo ao mesmo tempo que esta minha informação não possa ser mais completa.

Espero contudo que a commissão, comparando-a com a historia, que os assistentes de el-rei, de saudosissima memoria, devem ter feito, não só a completará, mas ainda rectificará quaesquer dados, cuja inexactidão fôr demonstrada pela observação dos meus collegas, mais competente a todos os respeito do que a minha.

Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup>

Lisboa 18 de janeiro de 1862.

Illm.<sup>o</sup> e exm.<sup>o</sup> sr. José Loureiro da Luz.

Dr. João José de Simas.

(*Jornal do Commercio.*)

## PARLAMENTO

### Camara dos srs. deputados.

Sessão em 28 de janeiro.

(Presidencia do sr. Seabra.)

Deputados presentes 60. — Acta approvada — Correspondencia.

Mandou-se comunicar ao sr. ministro do reino uma nota de interpellação do sr. Cyrillo Machado, sobre os estabelecimentos pios do districto do Porto.

O sr. Francisco M. da Costa notando que as leis do recrutamento determinam que seja gratuito o processo de reclamação, mas no conselho de estado exigem-se 840 réis por cada certidão, além de uma folha de papel sellado, como é necessa-

rio pôr termo a este abuso, mandava para a meza um requerimento n'este sentido.

O sr. Afonso Botelho disse que tinha recebido, para apresentar n'esta casa, uma representação da camara de Santa Martha contra um projecto de lei, que sobre divisão de territorio apresentou o sr. Guilhermino de Barros; mas como esta representação não vem em termos nem de quem a dirige, nem a quem é dirigida, ia devolvê-la á camara representante, para a poder reformar.

E por esta occasião lembrava novamente a necessidade de se auctorisar o governo a reformar a divisão territorial, para que o faça de modo que satisfaça ás necessidades publicas, e não a favores particulares.

Igualmente pediu que fossem remetidas ás commissões representativas as representações da camara de Sabrosa, que estão na secretaria, e que dizem respeito á divisão de territorio.

O sr. Lopes Branco mandou para a meza uma representação dos chefes e arvorados da fiscalisação da altandega, pedindo que se dê andamento a outra anterior; em que pedem augmento de vencimento.

O sr. F. M. da Costa chamou a attenção do sr. M. da justiça, sobre o que se dá em algumas comarcas, em que os juizes, em vez de irem aos julgados julgar os presos pobres, fazem com que vão ás cabeças de comarca com grande prejuizo dos mesmos presos e testemunhas.

O sr. M. da justiça disse que não tinha queixa nenhuma a este respeito, aliás já teria providenciado contra este abuso; e como illustre deputado não diz qual a comarca ou comarcas, a que se refere, o mais que poderia fazer era informar-se; e se achar abusos, dar promptas providencias.

O sr. F. M. da Costa disse que entre outras, citaria a comarca de Celorico de Basto.

O sr. Sieuve de Menezes pediu que a commissão de agricultura fossem enviadas duas consultas que, a seu pedido, vieram do ministerio do reino, e que dizem respeito aos arrosaes.

O sr. secretario (Miguel Osorio) disse que da parte da meza não havia duvida de se lhes dar esse destino.

O sr. Pulido desejou ser informado pela meza se já tinham vindo do governo os esclarecimentos que pediu sobre o numero dos alumnos, que tem frequentado a faculdade de medicina da universidade, e as escholas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto.

O secretario (Miguel Osorio) disse que mandava informar á secretaria.

#### Ordem do dia

##### Continuação da discussão do parecer n.º 11

Continuou a questão de ordem sobre a precedencia de quem havia de ter a palavra; e por fim resolveu a camara que se desse a palavra ao deputado que se seguisse a fallar a favor do parecer.

O sr. Sant'Anna e Vasconcellos disse que unindo os seus votos ás ideias generosas que hontem tão eloquentemente foram proferidas pelo sr. José Estevão, nada mais tinha a acrescentar.

O sr. Lopes Branco, tendo a palavra contra o parecer, historiou minuciosamente todos os acontecimentos a que se refere esta discussão, e depois de se ter longamente demorado nesta apreciação concluiu votando contra o parecer, e pela substituição do sr. Martens Ferrão.

O sr. presidente disse que estando a dar a hora dava para ordem do dia de amanhã a continuação da de hoje e levantou a sessão.

#### Sessão de 29 de janeiro

(Presidencia do sr. Seabra.)

Deputados presentes 61. — Acta approvada — Segundas leituras.

#### Ordem do dia.

##### Continuação da discussão do parecer n.º 11.

O sr. Mendes Leal resumindo os argumentos que n'esta discussão tem empregado cada um dos oradores que tem impugnado o parecer, disse que todos elles não censuram o procedimento do governo no modo como acabou com os tumultos; e por consequencia a conclusão do parecer da commissão não podia ser outra; e se ha algum que censure o governo por não ter prevenido a tempo esses tumultos, apreciaria depois se era possível previni-los.

Que alguns oradores tem feito uma ostentação da generosidade, quando na occasião dos tumultos se deu ao governo o apoio, que pediu a toda a camara; mas a opposição, obrando assim, não foi generosa com o governo que combatia, mas cumpriu um dever para com o paiz, e para com a ordem e tranquillidade publica; e por tanto não tem o governo a agradecer a sua generosidade.

O sentimento geral que se manifestou pelos mui desgraçados acontecimentos que tiveram lugar no paço dos nossos reis, foi uma das causas que fez com que apparecesse nas ruas muita gente, movida unicamente da anciedade que soffre uma familia, quando vê um ou mais dos seus membros feridos pela morte, e o seu apparecimento nas ruas significava essa anciedade, uma curiosidade dolorosa, e não a desordem.

Passou a mostrar que n'estas circumstancias o governo tinha praticado bem no modo como acabou com os tumultos; que não podia prevenir esses tumultos; a não ser por um systema de repressão tomado de antemão, o que de certo ninguém queria, e depois de mais alguns considerações, terminou declarando que lhe parecia que a camara deve approvar o parecer da commissão, que não podia dar outro, principalmente depois que a commissão deu ao governo um voto de confiança para destruir os tumultos e restabelecer a ordem, que elle cumpriu.

E por ultimo, referindo se ao discurso do sr.

José Estevão, disse que em toda a parte os partidos politicos se tem transformado; entre nós está feita essa transformação no animo de cada um, mas é necessario definir-se, realisarem-se esses partidos, para se extremar o que é reaccionario do que é progressista e conservador.

O sr. Martens Ferrão começou sentindo que se troxesse para o debate a questão religiosa; e sobre tudo oppunha-se com todas as suas forças a que a titulo de reacção, se pare a marcha governativa; por que isso não deve servir de pretexto para se não apresentar uma medida sequer para a governação do estado.

Que já se tinha explicado sufficientemente no parlamento acerca das suas ideias sobre a questão religiosa, e por isso achava agora escusado renovar essas explicações; e por isso só diria que nenhum dos partidos liberais que giram na orbita constitucional se prende com essa questão para se occupar dos negocios do estado, por que todos elles tem as suas definidas sobre os pontos de admissão.

Tratando da difficuldade de se crear um partido novo, disse que a tolerancia que tem havido ha 11 annos; a necessidade demonstrada de se reunirem homens de diferentes partidos para organizar as finanças, para dar impulso ás obras publicas e tratar das colonias, tudo isto mostra que se hade continuar n'este caminho, nem o paiz soffreria uma admissão que não seguisse este caminho.

Continuou ainda na apreciação das tendencias do novo partido a que se tem alludido para mostrar que as suas tendencias não apresentam novidade alguma; por que todas essas tendencias estão no coração de todos os homens publicos.

Tendo dado a hora, ficou com a palavra reservada para a sessão seguinte.

O sr. presidente dando para ordem do dia de amanhã, trabalhos em commissões; e para sexta-feira a continuação da de hoje levantou a sessão.

#### Sessão de 31 de janeiro.

Presidencia do sr. Seabra.

Deputados presentes 60 — Acta approvada — Correspondencia — Segundas leituras.

Approvou-se que fosse impressa no *Diario* a consulta do conselho geral de instrucção publica, que servia de base á portaria de 9 de outubro de 1861, acerca da alteração que se fez no ensino das disciplinas da faculdade de mathematica da universidade de Coimbra.

O sr. visconde de Pindella sentiu que não estivesse presente algum dos srs. ministros para chamar a sua attenção para fazer a justiça de melhorar a situação das pensionistas do montepio militar, ás quaes ha 18 annos se tirou metade dos seus vencimentos, como medida provisoria, mas que tem continuado até hoje; quando o pagamento integral d'esse montepio devia ser sagrado, porque foi constituído do que tiraram de si os militares, para o deixarem a suas viovas e filhos.

O sr. Luciano de Castro pediu ás commissões d'administração publica e de guerra que dessem parecer sobre o projecto que apresentou na sessão passada para que o contingente de recrutadas seja distribuido pelas freguezias.

E igualmente pediu á commissão de legislação que desse o seu parecer sobre os projectos que apresentou na sessão passada, um para se reformar a lei da moeda falsa, e outro para reformar a lei da imprensa.

O sr. Sá Nogueira disse que já em outra occasião tinha declarado que as duas commissões de administração e de guerra nomearam d'entre si uma commissão, para examinar os projectos que se tem apresentado sobre a reforma das leis do recrutamento, para formular o seu parecer, e apresenta-lo ás commissões reunidas. Sabe que essa commissão pediu esclarecimentos ao governo que ainda não vieram; mas não pôde informar se o projecto do illustre deputado já foi presente á commissão a que se referiu.

O sr. Pinto d'Araujo informou ao sr. Luciano de Castro de que o seu projecto sobre a reforma da lei de moeda falsa, foi na sessão passada distribuido a um dos membros da commissão que teve de retirar-se da capital antes de se encerrar a sessão, e por isso não pôde dar então o seu parecer; mas estando agora na camara, é de esperar que brevemente apresentará o seu parecer.

Em quanto ao projecto sobre a reforma da lei de liberdade de imprensa, podia assegurar que a commissão se tem occupado d'elle, e brevemente apresentará o seu parecer.

#### Ordem do dia.

##### Continuação da discussão do parecer n.º 11:

O sr. Martens Ferrão entrou na apreciação dos acontecimentos que tiveram lugar em dezembro ultimo, e nas circumstancias que muito antes os tinham precedido, para mostrar que se o governo andou regularmente no modo como acabou os tumultos, não pôde dizer o mesmo em quanto á prévia prevenção que o governo teve para que esses acontecimentos não tivessem lugar, e por isso parecia-lhe que deve ser approvada a substituição que apresentou á conclusão do parecer.

O sr. ministro da justiça fez ver que o governo não podia ir além do que fez para acabar com os tumultos; e que felizmente o governo conseguiu o restabelecimento da ordem sem effusão de sangue, e sem vir pedir medidas extraordinarias.

E sendo estes os factos, não sabia o fundamento com que se censurava o governo.

Em quanto á dissolução da sociedade patriótica, o governo obrou segundo a lei; e por tanto

não esperava que isto fosse tambem um objecto de censura.

Enquanto á accusação que se fez ao governo não ter dissolvido a camara municipal, em consequencia de quatro dos seus membros irem na reunião pedir a mudança do domicilio de S. M. o governo não podia impôr uma pena a um corpo colectivo, por um facto praticado por parte de sua minoria.

Depois de mais algumas considerações concluiu dizendo que o governo tem a consciencia de ter cumprido o seu dever.

O sr. Thomaz Ribeiro disse que reconhecendo que o debate já vae longo, contudo usava da palavra para levantar algumas arguições que se tem feito á opposição.

Disse-se que a opposição era reaccionaria porque queria as irmãs da caridade; mas o governo propondo um projecto para a creação de um instituto das irmãs da caridade é tambem reaccionario, e reaccionarios são os que o sustentam; e desejava que o governo declarasse o que tem feito para levar á execução a saída das irmãs da caridade.

Continuou fazendo mais algumas considerações para mostrar que o governo não tem apresentado medidas de interesse geral, e entrando depois na apreciação da materia principal do debate concluiu votando pela substituição do sr. Martens Ferrão.

A requerimento do sr. Mazzotti julgou-se a materia discutida.

O sr. presidente disse que primeiramente votar-se-hia sobre a conclusão do parecer; e se este for approved, votar-se-hia depois sobre o additamento do sr. Fontes; e se a conclusão do parecer for regeitada, então serão submettidas á votação as substituições offerecidas pelos srs. Afonseca e Martens Ferrão.

O sr. J. Maria de Abreu requereu que fosse nominal a votação sobre a conclusão do parecer.

Assim se venceu, e procedendo-se á votação foi approved o parecer por oitenta e seis votos contra quarenta e trez.

Ficaram portanto prejudicadas as substituições; e indo a votar-se sobre o additamento do sr. Fontes, requereu o sr. José Estevão que a votação fosse nominal; o que sendo resolvido, procedeu-se á votação nominalmente sobre o additamento que foi regeitado por 85 votos contra 42.

Levantou-se a sessão.

## CORRESPONDENCIAS

Sr. Redactor.

Residencia de Pedorido, 2 de fevereiro de 1862.

No n.º 30 (de 11 de outubro de 1861) do seu acreditadissimo periodico o *Districto de Aveiro* vem uma correspondencia minha, em que é atacado o administrador deste concelho de Paiva (José Pinto Varella da Cunha).

Se desejo verberar o magistrado corrupto, longe muito de mim a ideia de caluniar aquelle que é probo e exemplar. E por isso que eu venho hoje ante o tribunal, sempre rectissimo e imparcial da opinião publica, declarar o seguinte: —

E' certo que por um infeliz *qui pro quo*, e por uma diabolica coincidência de circumstancias, soppuz que o sr. José Pinto Varella da Cunha me tinha atraído em certo negocio. Hoje convencido até á evidencia, de que, da parte do sr. administrador d'este concelho, só tem havido para comigo o comportamento mais cavalheiroso, e que a accusação que fiz naquella folha foi unicamente fundada nas falsas informações que me deu um homem que hoje reconheço sem honra, e que algum dia hei-de desmascarar, quando tiver dados positivos; porque esta fica-me servindo de escarmento, para nunca mais andar de leve em objectos de tanta magnitude.

Retiro pois as expressões mais ou menos acres com que na citada correspondencia me dirigiu ao sr. administrador. — Declaro que nunca tive (além d'esse desgraçado engano) senão motivos de estimar e respeitar aquelle cavalheiro, que tem sempre gosado o melhor conceito na opinião publica.

Espero que o sr. Varella, que sabe já tudo o que deu lugar áquella correspondencia, me releve as expressões d'ella, que lhe eram menos honrosas, e aceite esta correspondencia como o testemunho do meu respeito, e como preito e homenagem ás suas bellas qualidades, já como empregado publico, já como particular.

Vou, sr. redactor, ainda pedir V. outro obsequio.

No n.º 57 do seu periodico vem uma local que alguém me attribue, ou pelo menos a sua inspiração, rogo-lhe mande declarar no *Districto de Aveiro* se tive alguma parte n'aquella local.

Sou, sr. redactor, com a maior consideração e respeito

De V. &c.

Ignacio Augusto da Silva Pinto.  
(Segue o reconhecimento do tabellião.)

## EXTERIOR

### DESPACHOS DIRECTOS

Madrid 7 de fevereiro, ás 4 horas e 35 minutos da tarde.

O general Prim proclamou aos mexicanos dizendo-lhes: «Não vimos conquistar-vos; mas se em vós encontrarmos resistencia assignalarei aos meus soldados o caminho da gloria.

Em Roma vae grandissima agitação.

O «Moniteur» desmente as asserções de que Prim tomara o commando em chefe.

Dos jornaes recebidos hontem extrahimos os telegrammas seguintes:

— Da «Correspondencia»: «Pariz, 3 á noite. — Tres vapores carregados de tropas saíram hontem de Cherburgo para o Mexico.

O general mexicano Almonte embarcou em Southampton para as Antilhas.

Na Toscana repetem-se as manifestações mazzinistas.

Reina immensa agitação na Sicilia.»

«Berlin, 3. — A rainha de Hespanha confie-riu ao príncipe real da Prussia a ordem do Tossão de ouro.»

«Pariz, 4. — O imperador Luiz Napoleão aconselhou o rei Victor Manoel que não perturbasse a paz, e o rei accitou o conselho.»

«Turin, 3. — O barão Ricasoli está pouco seguro em seu cargo de presidente do conselho de ministros.

As communicações com o Veneto são difficil-ces, porque ha extrema vigilancia na fronteira e as auctoridades austriacas não dão já passa-portes.»

## NOTICIARIO

**Caixa Economica.** — Damos em seguida o balanço do movimento da Caixa Economica d'Aveiro, no mez de janeiro de 1862.

### Entradas

Depositos recebidos.....	1:120\$000
Letras idem.....	2:099\$580
Juros idem.....	109\$905
Saldo do mez antecedente.....	2:827\$530

6:157\$015

### Sahidas

Depositos restituídos.....	809\$830
Emprestimos.....	2:174\$720
Juros pagos.....	13\$125
Saldo em caixa.....	3:159\$340

6:157\$015

Valor dos depositos existentes em 31 de janeiro.....

16:277\$740

Valor das letras existentes na mesma data.....

13:960\$410

Escritorio da Caixa Economica d'Aveiro 1 de fevereiro de 1862.

**A. Pinheiro.**

Secretario.

**Procuradores á Junta Geral.** — Foram eleitos pelo concelho da Feira — os bachareis, Fausto da Veiga Campos e Rufino Joaquim Borges de Castro — pelos concelhos da Mealhada, Anadia, e Oliveira de Bairro, os bachareis, José Cactano Rebello e Antonio de Menezes Brandão e Sousa — por Estarreja — bacharel, João Pedro Ruella — por Aveiro — o par do reino, Cazimiro Barreto e por Vagos e Ihavo, o bacharel José Pereira de Carvalho — por Oliveira de Azemeis, João Marques de Carvalho — e por Cambra, Francisco Manoel Couceiro.

**Ainda bem.** — Já uma vez concordaram conosco. Parece que nos acharam razão ao que dissemos no ultimo numero do nosso jornal acerca da elevação do preço de 5 rs. em arratel de carne, quando o gado bovino tinha baixado.

Não basta dizer-se que a camara vae pôr de novo em arrematação o fornecimento das carnes, é mister que isto se faça quanto antes, porque 5 rs. em arratel, dá uma differença aproximada de 90:000 rs. por mez, o que não é nenhuma bagatella.

Parece-lhes que fomos exaggerados quando dissemos, que um amigo nosso tinha pago cada arratel de vitella a 100 rs. ? Pois olhem que o não fomos, e até temos o documento em nosso poder, que reza assim — por 24 arrateis e dous hectogrammas de vitella 2:420 rs. Tambem é de notar neste documento, a misturada de grellos de — arrateis com hectogrammas.

Decedidamente nunca neste concelho se vendeu vitella por tal preço. Já veem que nem fomos exaggerados, nem escrevemos com pouca circumspecção sobre objecto de tamanha importancia, mas finalmente não se prendam com pequenas cousas e interesses de dous homens, e façam com que a camara providencie quanto antes ou pondo a carne de novo em arrematação, ou obrigando os marchantes a vendel-a por um preço razoavel, ou finalmente abra a camara talhos por sua conta.

Qualquer destes alvitres livrará os municipios de estarem á mercê dos dous unicos marchantes, que ha nesta cidade.

**Festividade.** — Festejou-se no domingo na sua capella da Quinta do Gato o S. Braz: havendo missa cantada e prégado o evangelho o rd.º sr. padre Manoel Rodrigues, de tarde teve lugar o arraial do costume, sendo muito concorrido por gente da cidade e dos logares visinhos: apesar do vento frio que girava.

**Desastre.** — Ha dias, na secção do caminho de ferro em d'Ovar, aconteceu um d'estes lamentaveis successos, que a imprevidencia e pertinacia tantas vezes provocam.

Vinha proximo o comboy, e duas mulheres das que andavam ali empregadas nos trabalhos, proprozeram-se a atravessar a via. O guarda gritou-lhe que parassem, e ainda poude segurar uma pelo braço. A outra porem mais audaz, saltou para o meio da via, e em um volver d'olhos foi apanhada por uma perna pelas rodas do primeiro carro, e d'ahi pisada e triturada pelos outros carros até ficar reduzida a uma massa amorpha!

A desgraçada procurava com a sua imprudencia uma morte horrivel e quasi instantanea!

**Mais uma vez os falsos protectores.** — São dignos d'admiração estes polichinelos da publicidade a dançar na corda bamba da asneira e da sandieia! Fazem trogeitos e momices, cansam-se, esfalfam-se, mas, ao menos, teem a consolação d'atrahir a attenção do publico, que olha para elles como no circo os espectadores olham para os palhaços.

Insistem parvamente, tolamente, em que o valor a que chegaram as marinhas foi devido ao *general de papelão*, e agora a melhor das suas coarctadas é que, se os licitantes delegassem os seus poderes em outro procurador, elle não desempenharia a commissão do mesmo modo, porque se mancomonaria com os outros licitantes. A classe dos procuradores de Lisboa, que lho agradeça, inclusivê os que teem sido abonados e inculcados por elles. Das suas palavras deduz-se que só é incorruptivel e bom procurador o sr. Manuel; sim, senhor, querem zelar-lhe a reputação como tal, e teem razão. Nós já lhes dissemos que elle não servia para outra cousa.

E, entenda-se, procurador, e só para os seus amigos e compadres, que para o districto nada vale. Pelo menos ainda cá se não vio cousa, que elle arranjasse, nem serviço que fizesse, quer aos povos, que o deputaram, quer a esta cidade e districto. Parece que teem tratado d'algumas demandas, arranjado um ou dous empreguitos, e... lançou agora nas marinhas. Não sabemos que mais tenha feito.

Ultimamente ainda mostrou mais a insignificancia do seu valimento, não se julgando capaz d'ir apresentar a el-rei a mensagem de pezas da camara municipal, de que elle proprio é presidente. E n'isso não podemos deixar de dizer que teve razão, porque se lá fosse havia de dar muito má ideia do municipio.

O melhor, porém, é calarem-se porque, ainda que queiram, não conseguem deitar poeira nos olhos dos outros. Ninguém crê seriamente no valimento do *general*, e n'este caso das marinhas todos sabem que o resultado da arrematação havia de ser o mesmo, porque em materia d'interesses ninguém cede ao seu visinho aquillo, que quer para si.

A nós é que não nos fazem calar os seus palavrões, e temos muita materia de reserva se quizermos affrontal-os um pouco.

Deixem-se de fallar em riquezas, em pobreza, em povo, em influencias eleitoraes, em pitangas gordas e magras, porque podem levar por tudo isto, e muito. O vulgo costuma dizer, «que nem sempre o diabo está a traz da porta.» Tomem sentido no anexim e applicuem-no, porque a paciencia tambem se acaba.

E a respeito de grammatica e de senso comum? Que lindas cousas que nos teem dito sem *ella*, e sem *elle*. Valha-os Nossa Senhora. Elles saberão ao menos o que é grammatica? O que tem graça é o descoco com que fallam n'ella, e sempre e a toda a gente. Que pena não terem vergonha.

Voltaram, levam para tabaco, e levarão sempre, que nós estivermos resolvidos a debicar com elles.

**Theatro d'Ihavo.** — Quinta-feira 13 de Fevereiro de 1862, terá lugar no theatro desta villa um beneficio em favor de dois actores portuguezes que vão de passagem para Lisboa.

**Fuga.** — Fugiram na noite de 27 do mez passado da cadeia da cidade de Silves 5 presos que ali se achavam ha tempos: Esta fuga é attribuida ao discuido da sentinella (se não foi connivencia) por que á meia noite foi a sentinella ao quartel da guarda, que fica proximo, chamar quem a rendesse, e na volta vio que por uma janella que se anda construindo se iam evadindo, e nem gritou ás armas nem os seguiu, e até o cabo da guarda em lugar de mandar gente em seu seguimento limitou-se apenas a dar a noticia da fuga ao carcereiro. No dia 29 apresentou um dos ditos presos, e em seguida foram capturados 2, faltando os outros.

**Rom tempo.** — Escrevem-nos da cidade de Silves informando de que ali melhorará o tempo, e que por este motivo as amendoeiras estavam muito floridas, que se assim continuar haveria abundancia d'amendoa.

## CORREIO

LISBOA 9 DE FEVEREIRO

(Do nosso correspondente.)

Começou na sexta-feirá na camara dos pares a discussão acerca dos tumultos do natal. Posso afigurar-lhe que temos debate para muitos dias. Não o julguei assim ao principio, e havia todas as presumpções de que não se prolongaria naquella casa; mas, depois da sessão d'hontem, o caso mudou de figura, e a cousa promete.

E' fóra de duvida que haviam concordado os principaes caracteres da opposição em não tomarem parte neste debate, chegando até a dizer-se que os pareceres seriam votados na primeira sessão, ou na immediata. Em consequencia disto, julga-se que terminaria hontem a questão.

Entretanto, o discurso que hontem pronun- ciou o sr. ministro da fazenda, algumas allusões que nelle fez ao sr. marquez da Vallada, resposta que deu a uma provocação do sr. conde de Thomar, e o dar a intender que o fundo de todo aquelle debate era a questão das irmãs da caridade, transformou o plano concertado, e teremos discursos sobre discursos, recriminações após outras recriminações, teremos, enfim, profissões de fé, explicações, discussões apaixonadas, e, quem sabe, se algum escandaloso, á semilhança d'outros de que em epocas pouco remotas foi testemunha aquella casa.

E' realmente para sentir que n'este paiz haja tão pouco juizo prudencial; é para lamentar que se esteja perdendo um tempo precioso n'estes debates pouco edificantes, e que sejam postos de parte os interesses mais serios da administração.

Tem-me custado a crer, mas agora é para mim ponto do fé que a reacção se vá introduzindo em tudo, e que não sairemos nunca deste estado vergonhoso em quanto não for muito bem des- mascarada a hypocrisia, e debellados os intuitos reaccionarios, que se revellam nas cousas de maior monta, como nas mais insignificantes.

Não obstante, talvez que deste debate ainda venha a tirar-se, n'um futuro mais ou menos proximo, algum resultado proficuo. As vezes por caminhos tortuosos chega-se á estrada real.

A ideia da reforma da camara dos pares, que ha tempos anda na cabeça de muita gente, principia a tomar maior incremento, e já hontem muito subtilmente foi annunciada do banco dos ministros.

A camara dos pares como actualmente está é um obstaculo para todos os governos.

Um simples facto denuncia as suas propensões e revella que ali não ha elementos de ordem que possam concorrer para auxiliar a governação publica. E' exactamente o contrario que ali se encontra. E se não vejamos.

A maior parte do tempo d'uma sessão legislativa, a camara dos pares não funciona por falta de numero, ou approva ou regeita, quasi sem exame nem discussão, seria os projectos que della dependem. Trata-se, porém, d'uma questão de lana caprina, apparecem pares que nunca vão á camara quando se discutem cousas graves, e não ha invalido que não se apresente para dar o seu voto «consciencioso».

Isto assim não pode ser por dignidade dos poderes publicos, nem deve ser, porque os interesses legitimos do paiz não o permitem.

O governo não tem maioria na camara dos pares. Pode e deve contar com uma votação contraria. Mas, segundo se depreende d'uma declaração terminante do sr. ministro da guerra, o gabinete não se retirará ainda que lhe seja dado o voto de censura.

Falla-se em fornada de pares, e grande. Talvez seja esta a solução da crise, porque estabelecido o conflicto entre as duas camaras, ou o governo hade procurar ter maioria naquella casa, ou ha de demittir-se, ou hade novamente apellar para a urna, e repetir uma eleição.

São as tres hypotheses constitucionaes, e uma d'ellas ha de necessariamente resolver a questão.

O interesse politico do debate da camara dos pares attrahe a attenção dos deputados, e estes nada teem feito nestes dois dias, encerrando-se a sessão antes da hora propria. E' verdade que este acto dos deputados, explica-se tambem pelo facto de os ministros serem obrigados a estarem presentes na camara dos pares.

A eleição de S. João da Pesqueira, foi approvada, a exemplo do que aconteceu com a de Bardez.

Era melhor que nenhuma fosse approvada. Em ambas ha irregularidades tão palpaveis e evidentes, que fora mais decente tê-las annullado.

Consta-me, e por uma informação de muito credito, que ha tres dias foi assignado o contracto definitivo para a renda do caminho de ferro do sul, ficando, contudo, dependente da approva- ção do parlamento.

No «Diario» d'hontem encontrará um artigo de redacção, em resposta á «Epoca», sobre o negocio da venda de fundos portuguezes pelo Banco «Union» de Londres para o emprestimo dos dez mil contos.

Não é uma fragata, como lhe disse, mas sim uma nova corveta que vae construir-se no nosso arsenal. A quilha será posta brevemente no estaleiro.

El-rei o sr. D. Luiz tem visitado diversos estabelecimentos publicos, que examina com toda a attenção.

Ha tres dias S. M. esteve no hospital militar da Estrella, e aproveitando a oportunidade, dirigiu-se á cama, onde está um official que adoe- cera estando de guarda no pago de Caxias, informou-se com todo o cuidado do seu estado de saude, e mostrou pelo official o maior interesse.

El-rei e seu augusto pae estiveram a bordo da corveta ingleza *Warrior*, na vespera deste navio sair para Gibraltar. Suas Magestades demoraram-se a bordo mais de tres horas, encontrando a recepção devida á sua alta jerarquia. Serviu-se a bordo um delicado lanche, que a officialidade do navio offereceu aos augustos visitantes.

Na occasião em que el-rei chegou a bordo, houve as salvas do estilo, mas as peças que guardam a «Warrior» são de tal ordem que, mesmo sem ser a valer, a um dos tiros foi pelo ar o toldo da galeota, e um dos remadores ficou ferido n'um olho.

Julio Cesar Machado já publicou outro livro, a que deu o nome de «Scenas na minha terra.»

S. A. o sr. infante D. Augusto continha em progressiva melhora. Parece que o projecto sobre a successão não será já discutido.



MOVIMENTO

DA BARRA

Aveiro 7 de fevereiro

ENTRADAS

ESPOZENDE=Hiate port. «Feliz Distino.» cap. J. Rocha, 6 pessoas de trip. lastro.

IDEM = Hiate port. «Conceição Feliz.» cap. F. d'Oliveira, 6 pessoas de trip. lastro.

IDEM = Hiate port. «Deus Sobre Tudo.» cap. J. S. Rê, 7 pessoas de trip. lastro.

Entradas em 10

PORTO = Hiate port. «Razoilo 1.º» cap. J. Razoilo 8 pessoas de trip. lastro.

Saídas em 10 de fevereiro

LISBOA=Chaique port. Perola do Vouga, m. M. Vicente, 7 pessoas de tripulação, madeira e fazenda da praça.

ESPOZENDA = Bateira port. Olho Vivo, m. D. d'Agelica, 7 pessoas de tripulação, sal.

PORTO = Hiate port. Nova União, m. J. F. Mano, 7 pessoas de tripulação, sal.

## ANNUNCIOS



Por execução de Francisco Marques da Costa, contra Manuel Pereira da Silva e mulher, de Sarrazolla, hade arrematar-se no dia 2 de março proximo, uma morada de casas com seu terreno, que parte do norte, sul e poente, com o exequente, e do nascente, com o caminho de Matheus Maio, avaliado tudo em 65:000 rs. A arrematação é nas sallas do tribunal, ás dez horas da manhã. Escrivão, Moraes.

**Maria Dias Teixeira, e marido José Fernandes de Mello — Luiza Dias Teixeira, solteira — Joanna Dias, e marido José d'Oliveira — João Simões Palreu, de menor idade, e aquelle José d'Oliveira, como tutor d'este, requerem a curadoria dos bens do ausente seu pae e sogro Manuel Simões Palreu, de Cacia, para cujo fim correm editos de 15 dias que começaram em 7 do corrente, chamando todas as pessoas incertas que se julgarem com direito aos mesmos bens para na 1.ª audiencia findo aquelle praso virem offerecer os artigos de justificação e habilitação, — pena de lançamento. — Escrivão Gusmão.**

**No domingo, 23 do corrente, pelas 9 horas da manhã, hade ter lugar defronte da igreja de Veiros, no concelho de Estarreja, a arrematação de quatro altares lateraes, pelo modelo dos da igreja da Lapa, da cidade do Porto, e outras mais obras que a junta de parochia, da mesma freguezia, tem de mandar fazer na dita igreja.**

## ATTENÇÃO

**Constando que pessoas mal entendidas tem propalado a noticia de que o mal das vinhas é occasionado por os fumos da Fundição Dom Fernando, perto das minas do Braçal, sendo conhecido de todo o mundo que esta molestia existe em muitas terras onde não ha minas, e mesmo que o verdadeiro fim é roubar e destruir as minas e até satisfazer vinganças pessoas, pois que se sabe que querem assassinar alguns individuos empregados nas minas e como estes tramas são desconhecidos das pessoas de juizo, resolvi fazer conhecer aos povos, que se acautellem contra estas seduccões e que não tomem parte em qualquer barulho, pois que se tem tomado todas as medidas para defender o estabelecimento e os seus empregados e operarios de qualquer aggressão, que possa ter lugar, para evitar o serem roubados e destruido este estabelecimento.**

**Minas do Braçal 4 de Fevereiro de 1862.**

**Ass: D. Matthias Feuerheerd.**

RESPONSAVEL — M. C. da Silveira Pimentel

Typographia do Districto d'Aveiro